



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH**  
**CURSO DE BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**ANTÔNIO WILAME FERREIRA DA SILVA JUNIOR**

**ENTRE LUGARES E NÃO LUGARES: MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS PELOS  
SÍMBOLOS E NARRATIVAS DA ESCRAVIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE  
DE REDENÇÃO – CE**

**ACARAPE**

2022

**ANTÔNIO WILAME FERREIRA DA SILVA JUNIOR**

**ENTRE LUGARES E NÃO LUGARES: MEMÓRIAS ENCRUZILHADAS PELOS  
SÍMBOLOS E NARRATIVAS DA ESCRAVIZAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE  
DE REDENÇÃO – CE**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa

**ACARAPE**

2021

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Busto da Princesa Isabel. Praça da Igreja Matriz, Redenção - CE, 8 de julho de 2021	17
Figura 2: Vicente Mulato. Praça Igreja Matriz, Redenção - CE, julho de 2021	18
Figura 3: Monumento Negra Nua. Redenção, Ceará. Julho, 2021	20
Figura 4: Monumento Negra Nua coberto no evento Pretas na Unilab. Redenção, Ceará. Julho, 2017	20
Figura 5: Inauguração do Obelisco da Liberdade em 1933, Redenção, Ceará. Autor desconhecido	23
Figura 6: <i>Exugráfico</i> da Encruzilhada Multilíngue Ilustração: Hector Rocha Isaías, 2021	30

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIações**

APA	Área de Proteção Ambiental
BHU	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades
CE	Ceará
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
REVIS	Reserva de Refúgio da Vida Silvestre
SECOM	Secretaria de Comunicação Institucional UNILAB
SEMA	Secretaria de Meio Ambiente do Estado do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO</b>	6
<b>2. INTRODUÇÃO</b>	7
<b>3. JUSTIFICATIVA</b>	12
<b>4. OBJETIVO</b>	13
<b>4.1. Objetivo geral</b>	13
<b>4.2. Objetivos específicos</b>	13
<b>5. HIPÓTESE DE ESTUDO</b>	14
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	15
<b>6.1. Onde estou pisando?</b>	15
<b>6.2. Os caminhos da pesquisa: percursos multilíngues</b>	28
<b>7. METODOLOGIA ENCRUZILHADA MULTILÍNGUE</b>	29
<b>8. CRONOGRAMA</b>	33
<b>9. RESULTADOS ESPERADOS</b>	34
<b>REFERÊNCIAS</b>	36

## APRESENTAÇÃO

Laroyê! Saúdo o Orixá que me rege antes de começar qualquer trabalho. Exu é o primeiro, aquele que articula e dinamiza a comunicação entre os planos físicos e metafísicos, é o verdadeiro desbravador entre o caos e a ordem. Seus princípios filosóficos são aqui evocados, a fim de gerarmos um caos metodológico, possibilitando uma nova ordenação na pesquisa. Falo com Exu, pois a esse Orixá devo meu maior poder: a comunicação! Nada mais legítimo para dar início a esse processo de pesquisa do que essa figura tantas vezes confundida e caluniada. O mensageiro entre os planos, que está interessado a todo momento em adentrar espaços diferentes, tomar formas distintas, observar com outros olhares, comer de tudo e vomitar de outra forma. Exu é o desejo de conhecer por todos os sentidos.

Desse modo, me apresento a partir de Exu para que meu lugar de pesquisador não seja limitado à concepção acadêmica branca, mas que faça ecoar minha subjetividade inerente, a ancestralidade que me inscreve nesse espaço-tempo e o meu desejo de conhecer tudo que posso. Sou Exu, aos 23 anos de idade, um corpo negro, caatingueiro, macumbeiro e pesquisador. Me chamo Wilame da Silva Junior, também conhecido como Wiil, o jovem èsù. Sou invocado pelo meu orixá regente em chamado ancestral, a vir de encontro com a produção deste projeto. A pesquisa é, antes de tudo, um desejo ao encontro. Neste trabalho, me ponho pra jogo como um *exu-pesquisador*, mobilizando e conflituando conhecimentos, pois,

Nesse aprendizado, a memória é fundamental. Não apenas por guardar as brincadeiras de Exu, mas por trazer a história que nos foi contada. E não é possível caminhar pela vida sem histórias. Elas são como os fios de conta de Exu, que o identificam em suas múltiplas cores e possibilidades. Mas Exu é arteiro: por ter todas as palavras consigo, maneja a história de um modo que nos espanta. E ele nos alerta: é preciso estar atenta ao trazer às palavras as histórias que foram deixadas sobre nós e saber diferenciá-las das histórias que narramos sobre nós mesmas (NASCIMENTO *apud* SILVA, 2018, p. 10)

## INTRODUÇÃO

O presente projeto busca mapear e encruziilhar os elementos narrativos e simbólicos sobre a escravização constitutivos da história, sobretudo do presente, na cidade de Redenção - CE, transitando entre o lugar e o não-lugar da memória. Aproveito o momento para definir os conceitos de lugar e não-lugar a partir de Marc Augé (1994). De acordo com o antropólogo, “o lugar se completa pela fala, a troca de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 1994, p. 73), ou seja, o lugar será definido por uma relação histórica entre os sujeitos e a materialidade documental de determinado espaço. Já o não-lugar está em estado de tensão ao lugar, pois é “uma espécie negativa do lugar, de uma ausência do lugar em si mesmo” (AUGÉ, 1994, p. 79), sendo assim o não-lugar vem a ser abordado a partir de uma perspectiva histórica da margem, narrativa periférica sobre o mesmo lugar.

Elaborando um caminho de pesquisa que se conecta a partir de uma Encruzilhada Multilíngue, a cidade de Redenção é concebida como um território de pesquisa esférico, onde as narrativas e símbolos são percebidos por diversos ângulos, falas, imagens, movimentos e fontes. O traçado da construção deste projeto é voltado para o encontro da performance do *exu-pesquisador* com o território da pesquisa, que emerge entre espaços físicos, memórias, narrativas, imagéticas, documentos históricos e relatos de moradores da cidade de Redenção.

Adentrando no espaço histórico do município que foi alcunhado por sua elite como o “rosal da liberdade”, Redenção é conduzida por uma historiografia de narrativas e símbolos atravessados pela escravização. Muitos desses, estão estampados por toda a cidade, ficam ao olho nu de qualquer transeunte que passa por suas ruas. São monumentos que remetem ao tempo da escravização de forma gloriosa, ao transcrever esse passado como um triunfo de conquista sócio-histórica, o aloca ao presente enquanto elemento constitutivo da cultura local. A escravização está estampada em Redenção à margem de sua narrativa de cidade libertadora, ou seja, ao passo que o município evoca a narrativa de primeira cidade a abolir a escravatura legal no Brasil, a mesma se ilustra pelos símbolos que marcam um passado escravista de dor e sofrimento às pessoas negras. Nesse sentido, a memória oficializada pela narrativa branca está em função de projetar aos corpos negros o trauma, o esquecimento e a dor da imagem. Nas palavras de Grada Kilomba (2019),

*O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o*

ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o [o escravocrata]. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar do mesmo (p. 37).

A memória oficializada da escravização em Redenção permanece estática, projetada nesses símbolos que povoam os espaços físicos da cidade, como por exemplo, o monumento Negra Nua (logo na entrada do município), as correntes estampadas no *slogan* da prefeitura municipal e em outros monumentos, *idem*, o Obelisco da Sociedade Redentora Acarapense (localizado no centro da cidade), o busto dourado da Princesa Isabel virado de costa para cidade de Acarape, e na mesma praça a estátua de um homem negro acorrentado, sem nome, sem data de nascimento e falecimento, um completo indigente, demarcado apenas pelo passado escravagista. Conflituando com esses estáticos, me posiciono nessa encruzilhada de narrativas e símbolos, a fim de questionar esse lugar estabelecido na memória oficializada sobre a escravização no município, reelaborando imagens. Nas palavras da historiadora Beatriz Nascimento (1989):

"É preciso a imagem para recuperar a identidade. Tem-se que tornar-se visível! Porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade" (NASCIMENTO *apud* GERBER, 1989, 1h 4min).

Assim, o racismo busca a partir de suas facetas não identificar a história de pessoas negras como sujeitos, criando o chamado "Outro", sempre como antagonista do "eu" (self) (KILOMBA, 2019, p. 36), o que no caso é elaborado por esse sequestro da imagem. Na Redenção contemporânea, muitos são os símbolos que denominam pessoas brancas como heróis abolicionistas, porém, são os corpos negros, desnudos e acorrentados, que ficam estampados ao ar livre como símbolos de um passado glorioso. Ou seja, interessa a narrativa oficializada fixar esses sujeitos a partir de intervenções estéticas, gerando uma equação a primeiro modo simples, negro = escravo.

Outros espaços simbólicos importantes são as antigas senzalas, algumas delas ainda preservadas, como é o caso da Senzala do Gurgurí no interior serrano do município e o Museu Senzala Negro Liberto (na entrada de Redenção). O último ainda procede como um derivado econômico da narrativa escravocrata, um museu que não possui curadoria ou qualquer intenção pedagógica de humanizar esses corpos, e que eleva o capital de pessoas

brancas em detrimento da imagem de pessoas negras. Em contraposição a essa lógica mercante e escravocrata, é necessário pensarmos o lugar do patrimônio afro-brasileiro como uma responsabilidade de direito à memória, como nos diz Antônio Seixas (2020):

É direito constitucional das comunidades negras e dever do Estado, a preservação da herança cultural afro-brasileira, sendo uma das medidas de incremento da promoção da igualdade racial o aumento da proteção dos bens culturais negros, não só de documentos e objetos, mas também de espaços de manifestação cultural, como os terreiros e os quilombos, e de expressões e saberes, a exemplo, do jongo e da capoeira (SEIXAS, 2020, p. 13).

Ademais, casarões e antigas fazendas espalhadas pelo interior de Redenção, ainda ostentam suas chaminés dos tempos dos canaviais escravocratas, entre diversas outras imagens/narrativas oficializadas que perpetuam esse legado. Uma cidade que se apresenta como um museu a céu aberto, mas que tende a apresentar apenas um lado da história, onde a memória do branco ocupa um lugar oficial na narrativa sobre a escravidão no município, ainda nos dias de hoje. Especialmente nos espaços públicos, que denotam os símbolos da escravização como o primeiro dado informativo a quem chega à cidade, porém,

Se o direito à verdade está associado ao direito constitucional de acesso à informação (artigo 5.º, inciso XIV), arquivos públicos guardam um razoável repositório de documentos sobre a escravidão, organizados em diversos códices temáticos (SEIXAS, 2020, p.2).

Para além dos símbolos estampados pelo município de Redenção, as narrativas sobre a escravização se multiplicam nas memórias de moradores/as da região. Memórias que não foram oficializadas, se encontram nas brechas, nos sonhos, nas lendas distribuídas de boca a boca, enfim, onde corriqueiramente não se investe como território de memória para a pesquisa, a qual irei relacionar ao conceito de *não-lugares* (AUGÉ, 1994) da memória à margem. Transitar entre os lugares e não-lugares da memória enquanto *exu-pesquisador*, acaba me pondo na existência de um *entre-lugar* (BHABHA, 1998) da memória, que se apresenta em potencialidade de investigação, quando me situo nessa zona de conflitualidade narrativa. Em alguns planos, há memórias que emergem como contrapontos ou peças perdidas de um quebra-cabeça narrativo e simbólico, já em outros, as memórias são relevos acentuados na cartografia da pesquisa, ocupam a oficialidade quase intacta na história do município.

A performance do *exu-pesquisador* é ofertada em desafio, atuar no entre-lugar da memória, ou seja, nas encruzilhadas entre o lugar e o não-lugar das narrativas e símbolos

sobre a história contemporânea de Redenção em relação ao escravismo. Percebendo o lugar simbolicamente mais próximo de uma oficialidade da memória, e o não-lugar ecoando nas margens dessas narrativas. O *entre-lugar* ocupa uma intenção de estabelecer comunicação entre as partes. Desse modo, a agência de *exu-pesquisador* ao se situar na encruzilhada da história, assim como nas fronteiras da cultura,

[...] exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 27).

Podemos encontrar nesse *entre-lugar* relações de poder sobre a história, que nessa encruzilhada estão em zonas de tensões, atraídas na pesquisa pela performance do *exu-pesquisador*. A partir da compreensão de conflito como possibilidade de gerar caos, na perspectiva metodológica, se invoca para o processo de pesquisa “[...] uma hermenêutica da emergência [ou *exunêutica da emergência*] como possibilidade de construção de novos paradigmas interpretativos [...]” (QUINTANA, 2016, p. 15), pelo qual, busco caminhar na investigação que gera o construto deste projeto. A necessidade da memória para constituição do “passado-presente”, deve ser compreendida como parte indissociável do processo de pesquisa, pois ao percorrer entre lugares e não-lugares de um mesmo território histórico, a temporalidade muitas vezes não se encontra em uma narrativa linear ou cronológica.

Assim, me insiro numa espiral que perpassa por lugares e não-lugares da memória sobre os símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção - CE. Mapear um lugar que não está determinado por mediações geográficas ou simplesmente materiais, no sentido de ocuparem um espaço de memória, evoca uma performance da atenção, de perceber tudo que se oferta na pesquisa. Em definições gerais, “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1994, p. 73). É necessário deixar suspenso alguns pressupostos sobre a história oficial e suas diferentes narrativas, para assim, imergir em memórias à margem que também constroem a história, elaborando suas identidades.

Considerando então as discussões acima, esse projeto parte de uma questão: os símbolos e narrativas acerca da escravização em Redenção - CE, sobretudo no presente, são

territórios que devem emergir no campo da pesquisa em Humanidades. Colocando como central nessa proposta, o encruzilhamento dessas narrativas, a fim de possibilitar perspectivas diferentes sobre o ponto de encontro com a história contemporânea, a relação do racismo e o cotidiano estético da cidade. Buscarei imergir nas questões referentes ao município de Redenção e suas relações históricas sobre a escravização, evidenciando as dinâmicas geradas em contato com esses símbolos e narrativas presentes em seu território.

## 1. JUSTIFICATIVA

A relação entre memórias oficializadas e memórias à margem acontece a todo momento, povoando narrativas e símbolos em território de pesquisa. Assim, “o lugar e não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente - palimpsestos<sup>1</sup> em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação” (AUGÉ, 1994, p. 74). Torna-se um jogo de entrar e sair da materialidade da história aos não-lugares, que também são construtos da memória viva na história do presente no município de Redenção - CE.

Buscarei a partir da minha performance de *exu-pesquisador*, encruziar pontos narrativos e simbólicos, constituindo uma cartografia que gira entre diferentes linguagens, experimentando tudo que posso no processo da produção de dados. Me alimento das memórias oficializadas, mas também vou “comer do prato” das memórias que transitam à margem, habitando os não-lugares da história. Esse processo é fundamentalmente *exuístico* (PEREIRA, 2021), pois se trata da possibilidade de conhecer distintas percepções e concepções sobre o mesmo espaço-tempo vivido, ou das histórias emolduradas e petrificadas em estátuas, em contraponto ou complemento às memórias vivas em corpos que não são visibilizados como produtores da história do presente de Redenção.

Me situarei no centro dessa encruzilhada, não como o detentor do conhecimento sobre a história do município, mas como um articulador de memórias, na busca de dinamizar esses pontos que narram e simbolizam o passado e, sobretudo, a história do presente de Redenção. O que apresento a seguir não está fechado, concluído como um produto final, mas se anuncia como um disparo em pesquisa, seguindo o percurso em movimento de

---

<sup>1</sup> Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na idade média).

*exu-pesquisador*. É um momento, um instante onde as histórias narradas e simbolizadas se encontram no ponto de cruzo (RUFINO, 2017) entre os lugares e não-lugares das memórias encruzilhadas sobre a escravidão na contemporaneidade de Redenção - CE.

### **3. OBJETIVO**

#### **3.1. Objetivo geral**

- Mapear e encruziphar memórias que povoam os símbolos e as narrativas sobre a escravização na contemporaneidade de Redenção - CE.

#### **3.2. Objetivos específicos**

- Identificar e registrar os episódios presentes nas narrativas e símbolos que povoam o território de Redenção, suas relações com a raça e o racismo entre sujeitos/as em trânsito de pesquisa.
- Elaborar um estudo que evidencie as problemáticas geradas a partir do conflito entre o lugar e o não-lugar das memórias sobre a escravização na história do presente de Redenção - CE.
- Analisar a partir de um referencial teórico e dos dados produzidos com a pesquisa, a relação da escravidão nas memórias de símbolos e narrativas que povoam o imaginário contemporâneo no município de Redenção - CE.

#### 4. HIPÓTESE DE ESTUDO

Ao buscar mapear e encruzilhar os elementos narrativos e simbólicos sobre a escravização que constituem a história do presente na cidade de Redenção - CE, almejo transitar entre o lugar e o não-lugar da memória, afim de afirmar que esse território está forjado por imagens de sofrimento, que aludem e reduzem a presença africana no maciço, a partir da instituição da escravização. Por uma ótica histórica a abolição é um ato político de importância para o município, por outra perspectiva analítica demonstra uma concepção de memória que foi construída para nos por em inferioridade diante a imagem do branco-libertador e do negro-escravo. Nas palavras de Alex Ratts, “quando usamos demais os termos silêncio, desaparecimento, ausência e invisibilidade, tocamos apenas em uma parte da história” (RATTS, 2009, p. 19). Essa proposta de intervenção almeja apontar todo um imaginário colonial que não foi repaginado, tocando em outras partes da história.

Qual o verdadeiro sentido de ser a primeira cidade a promover a abolição no Brasil, se todas as estruturas de memória apontam para importância do engenho, da tortura, da escravidão? O que se promove em Redenção se aproxima mais de um patrimônio da dor, da estética que tortura e escraviza, distanciando da narrativa mítica do “rosal da liberdade”. Nesse sentido, faço o apontamento hipotético de que em Redenção, estruturas de memórias não permitem que toda a diversidade racial que a constituem, repovoem o imaginário estético sobre a história do município, fincado em correntes simbólicas e narrativas. Desse modo, lanço a partir dessa proposta de projeto o desejo-guia de questionar esses símbolos e narrativas, captando outros pontos de vista sobre a história contemporânea do município, possibilitado a partir do movimento de *exu-pesquisador* em uma Encruzilhada Multilíngue.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1. Onde estou pisando?

Atualmente sou morador da cidade de Acarape, um dos 13 municípios que formam o Maciço de Baturité, sendo-os: Baturité, Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara. Essa região de grandes serras no Estado do Ceará agrega ao seu território populações com diversidades étnicas, culturais, sociais e econômicas. Caracterizado pelas formações serranas, a região do maciço é bastante visada pelo seu potencial turístico, hídrico, agrícola e sustentável. Tendo boa parte de seu território coberto por florestas, a região possui proteções ambientais como a Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra de Baturité DECRETO ESTADUAL Nº 20.956 (SEMA, 1990) , a Área de Proteção Ambiental do Rio Pacoti DECRETO Nº 25.778 (SEMA, 2000) e a Reserva de Refúgio da Vida Silvestre (REVIS) Periquito cara-suja DECRETO Nº 32.791 (SEMA, 2018).

Tratando da diversidade étnica, a região do Maciço de Baturité possui duas etnias indígenas, Kanindés e Karão-Jaguaribaras, ambos situados no município de Aratuba, ainda sem terras demarcadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). O povo Kanindé possui em seu território a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, conquista do movimento indígena do Ceará em pressão ao governo estadual. A escola fica localizada na Aldeia dos Fernandes, onde também pode-se encontrar o Memorial Museu Indígena Kanindé de Aratuba. Além das populações indígenas, no município de Baturité encontra-se a comunidade quilombola da Serra do Evaristo, que assim como os povos originários na Aratuba, estão com a situação fundiária paralisada, sem a titulação das terras. Essa situação é recorrente na região do Maciço de Baturité, o que de certa forma desperta nosso olhar para questões referentes à posse de terras, principalmente os grandes latifúndios e terras herdadas de um passado colonial, ainda presente nas terras do maciço.

É nessa região de terras diversas, envolta de tensões referentes à situação fundiária e de uma biodiversidade única, que se encontra nosso território de pesquisa, o município de Redenção. Incrustada ao pé das serras na entrada do Maciço de Baturité, Redenção se localiza a 55 km da capital do Ceará (Fortaleza), com uma população estimada de 29.146 pessoas (IBGE, 2020), distribuídas num território de 247,989 km<sup>2</sup>, entre regiões serranas, vales e planícies catingueiras a margem do Rio Pacoti. Além de toda a sua beleza

natural, que envolve a cachoeira de Paracupeba, o balneário do Val, a Serra do Gurugurú, a vista deslumbrante do Alto da Santa Rita, entre outras paisagens, o município é largamente conhecido como a primeira cidade a abolir a escravização legal no Brasil, narrativa que se confunde com os seus 153 anos de fundação. Como nos revela o trecho abaixo encontrado no portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

A freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Acarape, atualmente Redenção, deve sua criação à lei provincial nº 1.242, de 5 de dezembro de 1868. Instituída canonicamente por Provisão de 24 de agosto de 1869. No mesmo dia da criação do município era assinada uma lei autorizando o Presidente da Província a despendar, anualmente, a importância de quinze mil réis com a libertação de escravos de preferência do sexo feminino. Esta circunstância - coincidência ou não - parece ter influenciado no ânimo dos acarapenses que, em pouco tempo, se levantariam contra o jugo infamante (IBGE, 2017).

Na época em que foi abolida a escravidão, Redenção era apenas um distrito que pertencia ao município de Acarape, que por sua vez, em tempos posteriores veio a se tornar distrito de Redenção. Já em 1963, Acarape conquista sua emancipação política, retomando a categoria de município. Ligadas pela Avenida Abolição, essas duas cidades possuem territórios aproximados, principalmente no trecho das zonas urbanas, que formam a Região Imediata de Redenção-Acarape. As cidades se confundem na paisagem do pé das serras do maciço, entre uma e outra, apenas 3,3 km as separam, porém, a história das duas é inseparável, principalmente quando o assunto é a escravidão e o abolicionismo. Atualmente, a cidade de Redenção é quem ganha todos os créditos por abolir a escravização primeiro em todo país, mas, na época em que a ata que registra o acontecimento da abolição, Acarape é quem leva o nome do mérito abolicionista.

Em 8 de dezembro de 1882 fundou-se a Sociedade Redentora Acarapense composta de abolicionistas fervorosos e dirigida por Gil Ferreira Gomes de Farias (presidente), Antônio da Silva Ramos (procurador), R. A. Gomes Carneiro (2º secretário), Henrique Pinheiro Teixeira (1º secretário), Padre Luís Bezerra da Rocha (tesoureiro) e Deocleciano de Menezes (delegado). Decorridos apenas 23 dias da criação desta notável Sociedade, o Acarape lançou no Ceará, no dia 1º de janeiro de 1883 a semente bendita da Redenção, com protesto solene à senzala infame, bradando para todo o Brasil, “Nesta terra não há mais escravos”, um gesto pioneiro, heróico e entusiasta, que lhe valeu a consagração nacional e a admiração do povo brasileiro, expressas nos designativos com que então o batizaram: Berço das Auroras e Rosal da Liberdade. Em data de 23 de janeiro, a ata de

sessão da Câmara registra a solidariedade dos vereadores e a proposta e aprovação de telegrama dirigido pela Comuna ao Imperador D. Pedro II, comunicando-lhe a extinção da Escravatura no município de Acarape (IBGE, 2017).

Sabe-se que a cidade de Redenção na época era chamada de Vila de Acarape e o próprio município que hoje se denomina Acarape era o distrito do Calaboca, o que gera uma certa confusão histórica, ambas se entendem como abolicionistas, mas é Redenção que se inventa como o “rosal da liberdade”. Daí o próprio nome do município, que abandonando a categoria de distrito passa a se chamar Redenção, em alusão aos feitos da Sociedade Redentora Acarapense com a abolição da escravatura legal no município. O antigo distrito do Calaboca, onde funcionava a estação ferroviária, passa a se chamar Acarape, pertencendo ao Município de Redenção, depois se tornando município. Todo esse trancelim na história dos dois municípios acaba gerando rixas, desavenças, hostilidades e brincadeiras entre os/as moradores/as de ambos os lugares.

O caso mais simbólico dessa tensão entre Acarape e Redenção, parece ser o busto da Princesa Isabel, na Praça da Igreja Matriz de Redenção, produzido pelo artista quixadaense Jacintho de Sousa (SALES, 2016, p. 22), inaugurado no aniversário de 50 anos da abolição da escravidão em Redenção, no exato dia 1º de janeiro de 1933. Na época o distrito do Calaboca, hoje município de Acarape, ainda pertencia a Redenção, o que gerava tensões acerca da sua emancipação política. De acordo com relatos de alguns moradores das duas cidades, em um ato simbólico, o busto da Princesa Isabel foi construído de costas para a Acarape, simbolizando que a elite redencionista não escutaria a reivindicação de emancipação do então distrito. Como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 1: Busto da Princesa Isabel. Praça da Igreja Matriz, Redenção - CE, julho de 2021.  
Fonte: acervo do autor.

Além dessa primeira questão política envolta no monumento, outra discussão pode ser feita em sua relação: enquanto o busto da Princesa Isabel é recheado de história e simbologia política, a outra estátua na mesma praça não possui sequer uma placa de identificação. Um homem preto, vestido apenas com um calção branco e correntes em seus punhos. Parece que essa é a sua placa de identificação, ser um preto escravo, nem sequer escravizado: um preto escravo, para sempre escravo! Um símbolo que destoa da narrativa empoderada do “Rosal da Liberdade”, ao se esbanjar por ter sido “antes que todos no Brasil, proclamar a liberdade da raça negra e fizeram de sua terra o berço das auroras e a primeira faísca de heroísmo atirada aos ventos do futuro” (trecho de texto escrito na Placa do centenário da abolição, localizada no monumento Obelisco), mas que ainda mantém um sujeito perpetuamente escravizado, inerte as correntes, escravizado da imagem que construíram para ele.



Figura 2: Vicente Mulato. Praça Igreja Matriz, Redenção - CE, julho de 2021.  
Fonte: acervo do autor.

O que se encontra no primeiro contato, que é estético, não é a narrativa da liberdade, não se oferta a imagem deste homem como um símbolo da abolição, da libertação de um povo. O que há é a perpetuação da imagem equacional negro = escravo, um sofrimento perpetuado.

Vicente Mulato, este era seu nome em vida, ou pelo ou menos, sua alcunha. Um homem que foi eternizado, preso, acorrentado, também na própria categorização racista, o mulato. Sua cor demarca o nome, a identidade racial, Vicente Mulato. Tive acesso a revelação de seu nome em uma conversa com Natália Cabanillas, docente do colegiado de História da UNILAB. Em entrevista conversamos sobre as estátuas da Praça da Igreja Matriz, ela comenta que o nome do sujeito preto transformado em estátua era Vicente Mulato. Ainda acrescentou que Vicente Mulato havia sido o último escravizado a receber sua manumissão na Vila de Acarape, o que demarca o fato da construção de sua estátua.

Preso dentro daquela estátua, me faz lembrar recortes de cenas cinematográficas, como do filme *Get Out!* (Jordan Peele, 2017) e do sexto episódio da quarta temporada de *Black Mirror*, o *Black Museum* (Colm McCarthy, 2017). De acordo com a Doutora em História Social da Cultura e professora da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Larissa Gabarra:

Pode-se pensar numa grande narrativa museológica que se utiliza dos instrumentos de tortura como vitrine para o estrangeiro, mas não só, que conhece essa redenção à escravatura via dor, passividade e desumanização para justificar o protagonismo glorioso dos proprietários de escravizados na abolição da escravidão. Ao aproximar o observador da experiência do passado via exposição e memória da opressão, procura-se atualizar a própria opressão, que atinge exatamente a mesma população (ou melhor: seus descendentes). É necessário pensar que os espaços de memória sobre a escravidão não são espaços dados, verossimilhante ao tempo pretérito, como pretendem, mas sim recriados e escolhidos para legitimar determinada ideia – no caso, o próprio pensamento hegemônico racista (GABARRA, 2020).

Outro monumento que nos chama a atenção é a Negra Nua. Logo na entrada da cidade, a imagem de uma mulher negra despida, levantando as mãos ao céu, salta aos olhos de qualquer pessoa que enxergue e passe por ali. Se trata de um monumento anti-monumento, que é a Negra Nua, pois é uma gigantografia<sup>2</sup>, ao mesmo tempo um insulto para a memória de pessoas negras, sobretudo mulheres, e um ponto turístico para o empreendimento narrativo branco. Inaugurado no ano de 1968 em comemoração ao aniversário do Centenário de emancipação política do município pelo artista plástico Eduardo Pamplona, o monumento Negra Nua se tornou um dos grandes símbolos da cultura redencionista. É necessário problematizar o lugar da Negra Nua na memória de Redenção, “o monumento é utilizado como instrumento fixador de uma imagem da mulher negra que se constrói no período colonial e se perpetua ao longo do período pós-abolição como mecanismo de poder” (SILVA, 2019). Visto que,

os monumentos abolicionistas espalhados na região, mas não só, reafirmam essa glória representada pela tortura e o milagre. Como se as lutas dos escravizados por liberdade não tivesse existido e apenas uma força superior teria o poder de findar com a escravatura – vide a imagem de algo celeste representada na pintura da negra nua ajoelhada ao agradecer as correntes quebradas na entrada da cidade de Redenção (GABARRA, 2020).

O monumento da Negra Nua permanece como uma continuidade da tortura, tal como a estátua de Vicente Mulato, perpetuadas no lugar da memória oficializada em Redenção, que aos corpos negros só vislumbra dor, sofrimento, escravidão. Vejamos as imagens abaixo:

---

<sup>2</sup> História ou descrição de gigantes, também podendo ser a gigantografia, uma ferramenta de comunicação visual de alto impacto, ideal para exposição interna e externa da marca ou campanha em grandes proporções.



Figura 3: Monumento Negra Nua. Redenção - CE. Julho, 2021.  
Fonte: acervo do autor



Figura 4: Monumento Negra Nua coberto no evento Pretas na Unilab. Redenção, Ceará. SECOM/UNILAB.  
Julho, 2017.

Fonte: Secretaria de Comunicação Institucional - SECOM/UNILAB.

Essas duas fotos retratam o mesmo monumento, a Negra Nua, porém, é evidente que há uma intervenção na segunda imagem. O caso a se tratar é referente a uma atividade do evento anual “As Pretas na Unilab”, organizado pelo Grupo de Pesquisa Escritas do Corpo Feminino (Unilab/UFRJ) e outras instâncias da universidade e demais movimentos negros,

que no dia 25 de julho, data em que se comemora o Dia Nacional de Tereza de Benguela e Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, que a seguinte intervenção foi elaborada. De acordo com a nota oficial da UNILAB, o ato foi

justamente para pôr em discussão a representação da mulher negra, sobretudo da escravizada, como figura subalterna, que algumas participantes fixaram tecidos que cobriram a nudez retratada no “Monumento Negra Nua”, utilizando fita adesiva que em nada trouxe de dano material ao monumento (SECOM UNILAB, 2017).

Porém, a intervenção foi o suficiente para inflamar a opinião pública de Redenção acerca do papel da UNILAB em relação aos monumentos históricos do município. Na época, muitos foram aqueles que colocaram a boca no trombone, ou melhor, na rádio, em específico a Plus FM, no programa do radialista Zezinho Queiroz, que na sua programação noticiava o quanto aquele ato feito por estudantes da UNILAB, depreciava o patrimônio público de Redenção. O ocorrido gerou debates dentro e fora da universidade, principalmente no que diz respeito ao embate eminente entre as narrativas oficializadas na memória de Redenção e aquelas à margem que defrontam entre o lugar e o não-lugar na história da escravidão no município. As performances, antes de tudo, são *complicadores culturais* (FABIÃO, 2008, p. 237). O que fica evidente para análise a partir da performance e reação de parte de moradores do município, é que a vestimenta colocada na Negra Nua incomodou mais que a própria violência que é o monumento, definido como um símbolo histórico-cultural de Redenção.

Entre os monumentos, um outro que ganha esse status de patrimônio histórico-cultural no município, se trata do Obelisco da Liberdade, localizado na Praça do Obelisco, no centro da cidade. Assim como o busto da Princesa Isabel, o Obelisco foi inaugurado no aniversário de 50 anos da abolição da escravatura em Redenção, na data de 1º de janeiro de 1933 pelo então prefeito Dr. José Alberto Mendonça de Sousa. Diferente da sua parceira de inauguração, o Obelisco é um documento mais a vista, podendo ser percebido de diversos cantos da cidade devido seu tamanho, mas também corriqueiramente lembrado por sua inscrição patrimonial na cidade de Redenção. Mas do que se trata o monumento do Obelisco da Liberdade?

Monumento comemorativo típico da arquitetura do Antigo Egito, é constituído de um pilar em forma quadrangular alongada e sutil, que se afunila para o alto terminado com uma ponta piramidal. É decorado com inscrições gravadas nos quatro lados. Em duas constam os nomes que compuseram a diretoria de duas agremiações abolicionistas de Acarape, a Sociedade Redentora Acarapense e a

Sociedade Libertadora Acarapense. Nas outras faces de alvenaria estão gravados os dizeres: “Homenagem a invicta sociedade cearense libertadora. Cidade inexpugnável do civismo cearense” e “Homenagem do povo redencionista aos seus bravos antepassados que, a 1 de janeiro de 1883, antes que todos no Brasil, proclamaram a liberdade da raça negra e fizeram de sua terra o berço das auroras e a primeira fâsca de heroísmo atirada aos ventos do futuro. 1 de 1 1883 - 1 de 1 de 1933” (SALES, 2016, p. 22).

Uma questão crucial sobre o Obelisco da Liberdade, que não foi abordada na monografia de Francisco Levi Jucá Sales (2016), é que o monumento, assim como diversos outros monumentos em Redenção, são enfeitados simbolicamente por correntes, elemento comum na visualidade histórica oficializada no “rosal da liberdade”. De acordo com Juana Elbein dos Santos, “o significado de um elemento está em função de suas relações com outros elementos” (SANTOS, 2012, p. 16), ou seja, as correntes presentes no Obelisco estão diretamente relacionadas ao simbolismo da liberdade estapandada por Redenção, através da manutenção de elementos da escravização. Nesse sentido, “o significado de um elemento é uma função e não uma qualidade” (SANTOS, 2012, p. 16), as correntes estão em função da narrativa que cristaliza a abolição como ato de libertação concedido e não conquistado pelos próprios escravizados.

Desse modo, o monumento Obelisco da Liberdade está em função de perpetuar os homens que integravam a Sociedade Redentora Acarapense e a Sociedade Libertadora Acarapense, sua narrativa sócio-histórica de nascedouro da abolição em todo Brasil. A partir da compreensão dessa função, Natália Cabanillas nos acrescenta, em entrevista, que o Obelisco, é “um símbolo do abstrato fálico, um monumento à liberdade, mas é um pelourinho, e que tem nome de sociais abolicionistas, cujo os integrantes também eram escravagistas”. O Obelisco da Liberdade está profundamente vinculado à simbologia de uma branquitude masculina, que a partir da presença documental que representa o monumento, se encontra de certa forma perpétua no lugar oficializado da história em Redenção. É um símbolo de poder, não apenas uma representação. Vejamos as imagens abaixo:

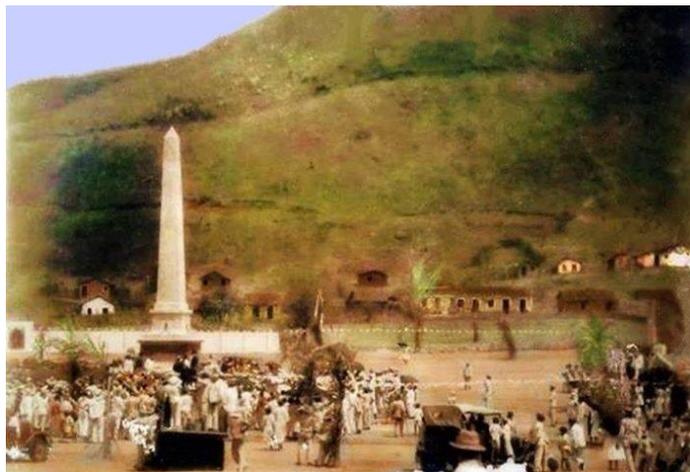


Figura 5: Inauguração do Obelisco da Liberdade em 1933, Redenção, Ceará. Autor desconhecido.

Fonte: Acervo da Prefeitura de Redenção. Disponível em:

<[https://www.facebook.com/redencaorosaldaliberdade/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/redencaorosaldaliberdade/?ref=page_internal)> Acesso em: setembro de 2021.

O monumento do Obelisco é um desses símbolos presentes na construção da narrativa oficializada em Redenção, porém, o grande ponto de concentração simbólica e histórica se encontra no Museu Senzala Negro Liberto. Localizado na entrada do município de Redenção, de frente ao Monumento Negra Nua e o Campus da Liberdade (UNILAB), o museu foi criado em 2003 a partir das ruínas de um antigo engenho, construído em 1873. O canalial compõe a tonalidade verde, quase um mar, com portais azulados, guardado por duas estátuas amarelas de leões, um em cada parede, observando quem entra e quem sai. No meio-mar-de-cana, uma grande estrutura colonial emerge na imagem, chaminés, casarões, máquinas gigantes, tonéis, é ali a fábrica das cachaças Douradinha e Cearense, mas também onde fica as antigas casa grande e senzala do período escravocrata, hoje sede do museu.

O Museu Senzala Negro Liberto será aqui analisado como um ponto de concentração narrativa, que privilegia a história única, ou como estamos trabalhando nesse projeto, a história oficializada que tem bem definida o seu lugar na memória do município de Redenção. Desse modo, buscarei destrinchar minha perspectiva sobre o museu e os aspectos importantes que constituem a narrativa oficializada por ele empreendida, sobretudo, ao discorrer sobre os seus símbolos e a relação com o poder da imagem. No que se refere a visita ao museu, podemos refletir a partir de um trecho da dissertação de Joanna Farias (2018):

Em visita ao museu Negro Liberto, o visitante é guiado a conhecer um pouco de como se deu a vida de cativos, além de serem apresentados às formas de relações destes com seu senhor. Os documentos que se encontram expostos facilitam na compreensão do que é repassado, além de servirem como meios de proporcionar

a veracidade ao que está sendo dito. No entanto, ressalta-se que, assim como outros museus de propriedade privada, o Negro Liberto fornece uma história única, o que nos leva a conhecer apenas um lado destes fatos, levando aos indivíduos à desconfiança a fidedignidade dos relatos (FARIAS, 2018, p. 28).

Como podemos observar, o Museu Senzala Negro Liberto, além de ser uma propriedade de domínio particular, não está muito compromissado com diálogo histórico entre perspectivas diferentes sobre o mesmo fato, por saber a escravidão. Ao entrar no portão do museu, já podemos nos deparar com uma grande chaminé, que possui em sua base uma pintura que remete ao período escravocrata, uma família branca em trajes de gala sendo servida por pessoas negras na condição de escravizados. Aliás, essa será a tônica comum do negro no museu, tanto como podemos visualizar em outros monumentos históricos espalhados por Redenção, a equação simbólica negro = escravo. Ou ainda de um esquecimento fugidio sobre a presença negra histórica e contemporânea no Ceará, como nos alerta Paulo Henrique de Souza Martins (2012):

Na construção da memória sobre o movimento, e posteriormente sobre o negro no Ceará, parece bastante razoável afirmar que a produção intelectual escrita conferiu essa situação de esquecimento. É num projeto que se quer agente da construção de uma sociedade erudita, moderna e civilizada, por parte das elites ditas ilustradas, que não cabe o negro, menos ainda uma mudança substancial nas relações sócio-econômicas então vigentes. Daí porque historiadores, folcloristas, antropólogos, lingüistas, intelectuais enfim, não se preocuparam em conhecer memórias e histórias da escravidão negra no Ceará a partir do contato com aqueles que viveram, experimentaram seus últimos momentos. Em contrapartida, a memória da escravidão ainda existente, que se fundamenta na tradição oral, principalmente a de transmissão intra-geracional e familiar, nos permite apontar para outras perspectivas (MARTINS, 2012, p.4).

No museu essa perspectiva ainda é operada sobre a função comercial, já que o mesmo cobra uma entrada de doze reais por visitante e meia-entrada de seis reais para estudantes e crianças. Além de dispor na sua sede a fábrica das cachaças Douradinha e Cearense, pelo qual denota-se uma grande importância para manutenção do museu nos dias de hoje. De acordo com Ellen Medeiros (2014),

[...] é de simples inteligência notar que, o interesse pela narrativa histórica, sobre a escravatura, estão atrelados a comercialização, por ter como destaque a produção e a trajetória da cachaça e ainda destacam a família em cada sala que compõe os cômodos da Casa Grande” (MEDEIROS, 2014, p. 23).

Ou seja, podemos analisar como a venda do negro escravizado, agora de forma simbólica, a partir da imagem perpetuada de modo acrítica pelo museu, está em funcionalidade da perpetuação da riqueza dos donos brancos da grande propriedade. A visita ao museu é orientada desde sua entrada por um guia, sendo o porta voz da narrativa oficializada no museu. Seu trabalho limita-se a reprodução de um texto fixado a narrativa vendida pelo museu, que vem a privilegiar os antigos proprietários da fazenda e sua relação de poder sobre os escravizados da época, tal como não se debruça a uma leitura mais crítica sobre a eventualidade da escravização e suas consequências na história do presente de Redenção. Desta forma, nas palavras de Ellen Medeiros,

“no Museu Senzala do Negro Liberto dispomos de acompanhamento, mas ainda limitado e com pouco ou quase nenhuma instrução pedagógica ou acadêmica, pois existe um roteiro a seguir e neste encontramos lacunas e controvérsias que comprometem os relatos abolicionistas e escravistas” (MEDEIROS, 2014, p. 43).

De fato, o texto apresentado pelo guia não nos traz elementos suficientes para averiguar a veracidade dos ocorridos no período escravocrata. O que não atesta que o guia tenha um descompromisso com a história da escravidão, mas sim o próprio museu, que determina a formatação do texto apresentado na visita. Ainda com Medeiros:

“A história chega até nós com algumas perguntas ainda a serem esclarecidas e quando a fazemos há sempre uma distorção desses pontos ou uma expressão “eu acho que...” e em seguida volta-se imediatamente para um discurso nitidamente que é visivelmente mecânico” (MEDEIROS, 2014, p. 23).

O Museu Senzala Negro Liberto se apropria da agência de definir a história, tanto pelo seu arranjo estrutural, o fato de se localizar dentro de uma antiga senzala e pertencer a uma família branca, mas também pela instrumentalização da memória, a partir de uma narrativa que neutraliza o papel dos negros na luta pela sua liberdade e como se utiliza da mesma para a comercialização da memória. Me parece ser que essa disposição do museu é algo herdado simbolicamente de seu passado escravista. Um acervo da dor da escravização e do poder branco obtido sobre os corpos negros através essa dor, que foi recuperado do esquecimento e ganhou utilização para novamente comercializar a dor da imagem, dor essa que esses instrumentos representam na memória social coletiva, sobretudo, das pessoas negras.

Enquanto as pessoas negras herdaram sequelas estruturais e simbólicas do racismo - reforçadas no museu! -, aos brancos proprietários fica a herança do lucro gerada pela dinâmica do racismo. A história que vem a ser oficializada no museu está no desejo dos brancos de mostrarem as atrocidades da escravização, mas nunca de se responsabilizarem por elas, sobretudo, hoje. Essa atitude narrativa contribui a edificar um lugar oficializado da história sobre a escravização, o desejo do branco em não se ver no espelho da história e tornar-se responsável por seus desenrolares, enquanto as narrativas à margem vão resistindo ao apagamento que o não-lugar na memória oficializada demanda. De acordo com a pensadora Grada Kilomba (2019):

Em termos psicanalíticos, isso permite que os sentimentos positivos em relação a si mesma/o permanecem intactos - branquitude como parte “boa” do ego - enquanto as manifestações da parte “má” são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos e “ruins”. No mundo conceitual *branco*, o *sujeito negro* é identificado como o objeto “ruim”, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, mitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa (p. 37).

As histórias que não são contadas no museu, estão nesse limiar do lugar e do não-lugar da memória, da parte “boa” e da parte “má”, no olhar do dominador, evitando pluralizar as fontes e engendrando a história única, ou a mercê do esquecimento operado pela amnésia coletiva do racismo. Desse modo, “a memória coletiva não é a memória de todos”, ela está em disputa em uma arena que é física, mas também simbólica, pois de certo modo “ela é também estimulada por certos segmentos sociais” (RATTS, 2009, p. 76). Nesse ponto da encruzilhada nos interessa colidir narrativas, perceber o que fica e o que se vai na história oficializada sobre a escravização em Redenção - CE, a partir de agências epistêmicas traçadas por sujeitos e instituições.

Por fim, o município de Redenção além de ser conhecido pela abolição pioneira da escravidão no Brasil, se torna a partir de 2011 cidade sede da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), ao surgir de um grande paradigma *contra colonial* (SANTOS, 2015) na dinâmica da cidade. Desse modo, “A criação da Unilab nessa região do Brasil representa o reconhecimento dessa memória abolicionista, bem como os desafios para atenuar os reflexos de uma liberdade tardia, no cotidiano das populações

afrodescendentes” (GOMES, 2018, p. 123). Criada a partir da Lei 12.289/10, a UNILAB representa um marco na história do movimento negro brasileiro,

“tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional” (BRASIL, 2010).

A chegada da UNILAB no município de Redenção, foi e ainda é traçada por tensões, principalmente, devido à presença africana no maciço, deflagrando o racismo presente no cotidiano dessa região. O fato do Campus da Liberdade se encontrar de frente ao Engenho do “Potim”, onde fica a fábrica da cachaça Douradinha e o Museu Senzala Negro Liberto, também vem a gerar contrapontos epistêmicos, visíveis na organização espacial dos dois lugares, como também na postura histórica de ambos.

Além do Campus da Liberdade, a UNILAB possui mais dois campus na região do maciço, o Campus das Auroras (entre Redenção e Acarape) e na Unidade Acadêmica dos Palmares (Acarape). Também há sede no Estado da Bahia, o Campus dos Malês na cidade de São Francisco do Conde, Recôncavo Baiano. De certa forma, a chegada da UNILAB, principalmente no município de Redenção, veio a trazer inquietações epistêmicas sobre o lugar da memória e da história inscrita na cidade da primeira abolição no Brasil. Faço desta afirmação parte do meu processo, pois como discente da UNILAB, sou constantemente instigado a perceber como as relações raciais são dadas para além das ações individuais, pois o racismo está estampado também nos símbolos, nas narrativas, nos livros didáticos, nas estátuas, e na memória movente de pessoas comuns que não são, por vezes, situadas como sujeitas da história. Vamos então, adentrar nos caminhos da pesquisa.

## **5.2. Os caminhos da pesquisa: percursos multilíngues**

Os lugares e não-lugares das memórias encruzilhadas pelos símbolos e narrativas da escravização em Redenção - CE estão materializados e imaterializados, e pertencem ao mesmo tempo que não pertencem ao território do município. As memórias demarcadas pela dinâmica do racismo irão se conflitar e coexistir em dinâmica, entre o que é dado como memória oficializada e as que estão à margem da oficialidade da história. As memórias oficializadas pela branquitude estão geralmente alocadas em monumentos, museus, nomes de

ruas, prédios, livros, currículos escolares, mas também no consciente coletivo de populações em determinados territórios. Já as memórias à margem não possuem tanta materialização quanto aquelas oficializadas, o que não determina que essas memórias não possam ter materialidade, mas elas vão percorrendo vias subconscientes, na oralidade de grupos não-hegemônicos, nos sonhos, nas lendas e mitos que traçam caminhos metafísicos da história narrada.

Dentro desse território de pesquisa, as narrativas e símbolos são disputadas pela memória oficializada e memória à margem, ou seja, parecem compor lugares e não-lugares na história de Redenção. Um dos principais objetivos ao adentrar em pesquisa será buscar chocar as memórias racialmente demarcadas pelas narrativas e símbolos da escravização, analisando os impactos gerados na história contemporânea do município.

Através da metodologia da Encruzilhada Multilíngue concebo Redenção como território esférico, onde há quatro *caminhos-linguagem* que são percorridos a fim de produzir dados para elaboração da pesquisa. Buscarei a partir da performance do *exu-pesquisador*, encruzihar os dados a serem produzidos com a pesquisa, sendo-os assim como fotografias de memórias, sejam elas oficiais ou à margem, que se encontram nesse trânsito que desponta no centro dessa Encruzilhada Multilíngue.

Os percursos a serem caminhados na pesquisa elaboram camadas, que serão refletidas pela performance do *exu-pesquisador* como ação de investigativa das encruzilhadas desses lugares e não-lugares na história do presente de Redenção. Denoto que as questões a serem levantadas adentrem no caos metodológico da Encruzilhada Multilíngue, a fim de gerar por via da performance, dados a serem captados pelos mecanismos de pesquisa, como: gravador de voz, câmera fotográfica e de vídeo, materiais bibliográficos e didáticos, entrevistas e observação participativa. A partir desse conjunto de fontes e instrumentos de pesquisas, encontraremos um variado acervo de memórias, que perpassam e constroem os símbolos e narrativas sobre a escravidão em Redenção, sua relação com os lugares e não-lugares das memórias na contemporaneidade.

## 6. METODOLOGIA ENCRUZILHADA MULTILÍNGUE

A fim de ter uma produção de dados, que possa abarcar a multiplicidade das fontes simbólicas e narrativas dos lugares e não-lugares das memórias sobre a escravização na Redenção contemporânea, utilizo como metodologia de pesquisa a Encruzilhada Multilíngue. Essa metodologia autoral se encontra em pleno desenvolvimento, elaborada a partir do desejo-guia do Orixá Exu, aquele que faz o trânsito da comunicação entre os planos físicos e metafísicos acontecer. A força motriz de Exu é o próprio movimento e a multiplicidade gerada a partir dessa ação, ou seja, “tudo aquilo que se une, que se multiplica, que se separa e que se transforma é provocado por vontade de Exu” (COSTA E SILVA, 2008, p. 100). Isso faz com que a intenção base do desenvolvimento da Encruzilhada Multilíngue venha a ser o próprio movimento da pesquisa, e como essa ação pode gerar uma multiplicidade de dados, captados a partir dos quatro *caminhos-linguagem*.

Porém, a Encruzilhada Multilíngue não se resume apenas aos quatro caminhos-linguagem. Ela se estende como uma encruzilhada de sete pontas. Além dos quatro pontos cardeais (leste, oeste, norte e sul), a encruzilhada de sete pontas é feita por mais três caminhos, que amplia a dimensão da mesma, sendo-os: para baixo, para cima e para dentro. Nesse plano cartográfico da encruzilhada, ela se apresenta de forma esférica, tridimensional e em movimento. O que denota a utilização desse fundamento filosófico da encruzilhada para a construção metodológica é que o percurso de pesquisa venha a ser dinâmico, multilíngue e dialógico. Sendo assim, a metodologia da Encruzilhada Multilíngue é direcionada como uma oferta para Exu, elaborada em ponto riscado girando dentro de um plano metodológico de pesquisa. Como apresentado abaixo, no esquema gráfico - ou *exugráfico* - da metodologia Encruzilhada Multilíngue:

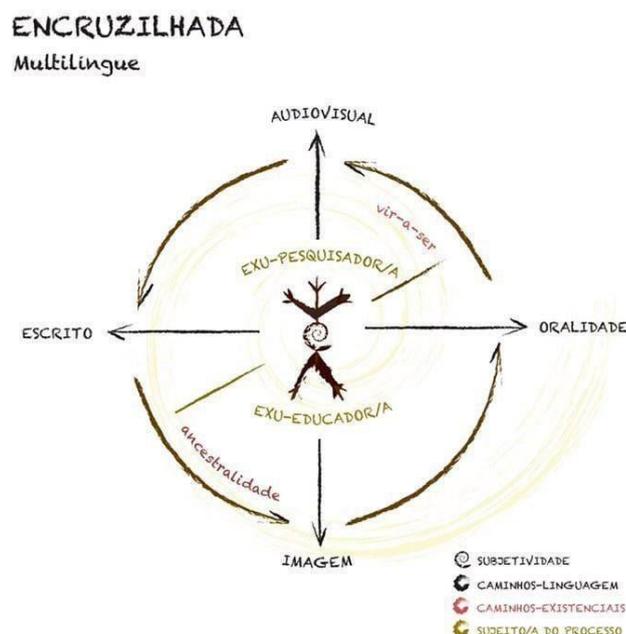


Figura 6: *Exugráfico* da Encruzilhada Multilíngue Ilustração: Hector Rocha Isaiás, 2021.  
Fonte: Antonio Wilame Ferreira da Silva Junior.

A Encruzilhada Multilíngue é instaurada a partir da concepção de ação do sujeito/a(s) do processo, se será voltada para a pesquisa ou para o ensino-aprendizagem<sup>3</sup>, pois a metodologia em questão dispõe da funcionalidade em ambas as ações. No caso da produção deste projeto, evoco a concepção do/a *exu-pesquisador/a* que adentra nessa encruzilhada metodológica de sete pontas. A partir de então os caminhos metodológicos são apresentados em duas perspectivas, que são os *caminhos-linguagem* e os *caminhos-existenciais*.

Os *caminhos-linguagem* são dispositivos de pesquisa operados a partir de quatro linguagens: escrita, imagem, oralidade e audiovisual. A partir do percurso na Encruzilhada Multilíngue, se busca adentrar nos caminhos-linguagem a fim de gerar dados com mais amplitude possível, ou seja, diversificar as fontes e instrumentos de pesquisa. Essa atitude de pesquisa, envolve não apenas a colheita de dados, mas a produção de elementos que possam tornar o processo de pesquisa criativo. Através dessa catalisação de dados, é gerado o caos metodológico da Encruzilhada Multilíngue, estágio esse que é traçado a partir da performance do/a *exu-pesquisador/a* e sua marca nesse processo. É importante compreender que o caos metodológico diz respeito ao movimento de pesquisa e os dados que são gerados a partir

<sup>3</sup> A primeiro modo utilizei a Encruzilhada Multilíngue como metodologia avaliativa do módulo I - Racismo Estrutural, Religioso e Epistemicídio no Curso de Extensão Pedagogias (PROEX/UNILAB), coordenado pelo Dr. Linonly Jesus Alencar Pereira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ok5-9HdE0-E>

desse trânsito, que é motivado pelo desejo - intenção de pesquisa -, compreendido através dos caminhos-existenciais.

Os caminhos-existenciais são dispostos em três pontas, que denomino como: *ancestralidade* (para baixo), o *vir-a-ser* (para cima) e a *subjetividade* (para dentro). Esses dispositivos são evocados metaforicamente com concepções de caminho e personalidade, presentes na filosofia do Candomblé, no meu caso de nação Ketu. A ancestralidade é referenciada à ponta da encruzilhada que direciona para baixo, pois dentro da cosmovisão ketu, os pés (*esé*) representam a conexão com a ancestralidade, o vínculo que cada sujeito/a tem com aqueles/as que lhe antecederam e fazem parte do seu plano presente. Já o vir-a-ser está apontado para cima em referência ao *odu* (destino) que é assentado no *orí* (cabeça), a noção de futuro é ligada às decisões de cada um, a cabeça que cada um carrega. Esses dois caminhos se encontram no centro, dentro (*inú*), na subjetividade de cada *exu-pesquisador/a*, indicando as impressões pessoais na produção de dados.

Girando em torno do desenvolvimento de uma metodologia *exuística*, como parte da “ciência que estuda o Orixá Exu, suas origens, funções, caminhos e possibilidades de transformação do mundo, das existências e da humanidade, reposicionando de forma positiva a sua imagem” (PEREIRA, 2021, p. 113). A performance do/a exu-pesquisador/a, é central na produção de dados, pois é a partir de sua ação que é dinamizado o trânsito da pesquisa. A encruzilhada é feita de caminhos, muitas vezes distintos, que se encontram em um ponto de intersecção. Como nos diz o aforismo popular nos terreiros: “o caminho se faz caminhando”. Desse modo, a compreensão desse fundamento filosófico é instaurado na produção metodológica da pesquisa, compreendendo o lugar de ação e produção do/a *exu-pesquisador/a* a partir de sua performance, da sua inventividade dentro do percurso da encruzilhada. Essa compreensão metodológica de encruzilhada, é definida nas palavras de Luiz Rufino, como:

O cruzo, perspectiva teórico-metodológica da Pedagogia das Encruzilhadas, a rigor, fundamenta-se nos exercícios de atravessamento, na localização das zonas fronteiriças, nas travessias e na mobilidade contínua entre saberes, acentuando os conflitos e a diversidade como elementos necessários a todo e qualquer processo de produção de conhecimento (RUFINO, 2017, p. 129).

Dessa forma, o *exu-pesquisador* que incorporo no processo de elaboração da pesquisa, busca transitar entre fontes diferentes, memórias diversificadas, na busca não de

respostas fechadas sobre a história da escravidão no presente de Redenção, mas na sina por lampejos, brechas, pedaços e fragmentos de histórias que não foram evidenciadas no decorrer do tempo. É uma tarefa, sobretudo, ética. Possibilitar a escuta de memórias que estão à margem, encruzilhar com as memórias oficializadas, confundir o percurso e encontrar novas maneiras de performar uma pesquisa. Esses desafios não se encerram na escrita deste projeto, eles persistem para além do fechamento de linhas e formatações de textos, pois a produção de dados na pesquisa transita e transcende o lugar de outras linguagens. Assim é dada a metodologia da Encruzilhada Multilíngue.

## 7. CRONOGRAMA

<b>Pesquisa</b>	<b>ABR</b>	<b>MAI</b>	<b>JUN</b>	<b>JUL</b>	<b>AGO</b>	<b>SET</b>	<b>OUT</b>
<b>Mapeamento dos símbolos e narrativas a serem pesquisados no município de Redenção - CE.</b>	X						
<b>Aprofundamento dos referenciais teóricos a serem utilizados na pesquisa.</b>		X					
<b>Produção de dados a partir dos caminhos-linguagem da Encruzilhada Multilíngue.</b>			X				
<b>Curadoria dos dados a serem utilizados na pesquisa.</b>				X			
<b>Elaboração de materiais que articulem as linguagens trabalhadas na metodologia da pesquisa.</b>					X		
<b>Discussão dos dados produzidos na pesquisa.</b>						X	
<b>Elaboração de resultados e finalização do artigo.</b>							X

## 8. RESULTADOS ESPERADOS

A proposta apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, “*Entre lugares e não-lugares: memórias encruzilhadas por símbolos e narrativas da escravização na contemporaneidade de Redenção - CE*”, emerge como um projeto de pesquisa que dialoga diretamente com minha formação acadêmica, mas também com o meu desejo-guia de questionar algumas paisagens fixadas na cidade de Redenção. Acredito que a pesquisa, como um território de encontro, direciona minha caminhada no sentido descolonizar símbolos e narrativas que estruturam o lugar oficializado da história do município. O diálogo com o referencial teórico proposto vem a auxiliar minhas inquietações epistemológicas, a fim de gerar dados de uma pesquisa necessária e urgente para o nosso tempo histórico, já que o racismo ainda permeia nossas relações sociais de forma ontológica.

Acredito que os resultados dessa pesquisa, possam servir de materiais consultivos e propositivos na revisão de símbolos e narrativas sobre a escravidão na contemporaneidade de Redenção - CE, pois a pesquisa também se apresenta como um investimento epistêmico. A partir do diálogo com os conceitos de lugar e não-lugar (AUGÉ, 1994), *entre-lugar* (BHABHA, 1998), memória (KILOMBA, 2019; FLOR *apud* SILVA, 2018), identidade e racismo (NASCIMENTO *apud*, 1989; KILOMBA, 2019), Exu e seus fundamentos filosóficos (PEREIRA, 2021; RUFINO; 2017), além da metodologia autoral da Encruzilhada Multilíngue, a pesquisa possa ser desenvolvida com sua devida amplitude e elementos necessários em um tempo oportuno. Desse modo,

A revisão das fontes históricas do estado do Ceará e a inclusão da presença sistemática da presença africana e afrodescendente deve produzir um novo direcionamento sobre interpretação da cultura material e econômica do estado” (DOS SANTOS; CUNHA JÚNIOR 2010).

Os resultados que vem a surgir com a implementação da pesquisa podem possibilitar atravessamentos de uma nova fonte de pesquisa na área, em especial, o poder simbólico exercido pelos patrimônios sobre pessoas negras no município de Redenção. É de suma importância enfatizar que o caminho a ser feito na execução da pesquisa, parte do aproveitamento das discussões ofertadas nas componentes curriculares do curso de

Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BHU). Desse modo, espero que futuramente esse estudo possa ser utilizado como fonte de pesquisa para pesquisadoras/es que se debruçam sobre as temáticas das relações étnico-raciais, patrimônio materiais e imateriais, afro-brasileiros e coloniais, memória, e Exu como fundamento epistemológico para produção de metodologias de pesquisa. Tal como para outras/os discentes do curso BHU, possibilitando o movimento de retorno dos estudos feitos, pois assim funcionam os processos da interdisciplinaridade, gerando conhecimentos catalisadores de outros percursos nas Ciências Humanas.

Chegando nesse ponto do processo de feitura do projeto de pesquisa, faço do meu desejo-guia um ecoar de falas e ritmos ancestrais, refazendo outros percursos pelo qual não foram permitidos os que me antecederam. Exu é o Orixá que articula os sonhos com a realidade vivente. A metodologia da Encruzilhada Multilíngue faz parte desses sonhos, pois a partir de sua elaboração, consegui me visualizar pela primeira vez como um cientista em formação. Desse modo, espero que ela possa transpor as barreiras dessa escrita, reverberando em outros desejos que guiam pesquisas dentro das Ciências Humanas. Mojubá Exu, laroyê!

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marcs. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade** / tradução de Maria Lúcia Pereira - Campinas, SP; Papirus, 1994.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. **LEI Nº 12.289**, DE 20 DE JULHO DE 2010, Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Brasília, 20 de julho de 2010.

COSTA E SILVA, Geranilde. **Quando Exu se atrapalhou com as palavras: inferências ao texto da pesquisa e ao discurso do(a) pesquisador(a)**. Padê, Brasília, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.

DOS SANTOS, Marlene; CUNHA JUNIOR, Henrique. **População negra no Ceará e sua cultura**. Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 11, novembro, 2010.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e Teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. São Paulo: Sala Preta, Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA-USP, 2008.

FARIAS, Joanna Cavalcante Pinheiro. **Cadê o preto que estava aqui? Presença e alocação de escravizados em Vila de Acarape e Baturité 1870 - 1884**. Dissertação - Curso Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

GABARRA, Larissa. **Monumentos de cativeiro são circos de horrores para a consciência negra**. Ceará Criolo, Fortaleza - CE, 11 de set. de 2020. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/monumentos-de-cativeiro-sao-circo-de-horrores-para-a-consciencia-negra/>> Acesso em: 02 de ago. de 2021.

GERBER, Raquel. **Ôrí**. ANGRA FILMES, 1:33h, 1989.

GOMES, Arilson dos Santos. **Quilombola e educação: vivências de ações afirmativas em três regiões brasileiras**. MÉTIS: história & cultura - v. 17, n. 33, p. 103-133, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. - Rio de Janeiro : Cobogó, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Redenção - Panorama**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/panorama>. Acesso em: 29 jul. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Redenção - Histórico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/redencao/historico>. Acesso em: 29 jul. 2021.

MCCARTHY, Colm. **Black Museum**. BROOKER, Charlie. *Black Mirror*. Reino Unido, Netflix, temp. 4º, ep. 6º, 69 min, 2017.

MEDEIROS, Antonia Ellen Jardani de Souza. **Os museus enquanto marcos da abolição: história e memória usadas como instrumentos pedagógicos**. Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, 2014.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Prefácio: exuzinhando a memória**. SILVA, Cidinha da. Um Exu em Nova York. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Pallas, 2018.

PEELE, Jordan. **Get Out!**. Estados Unidos: Universal Pictures, 103 min, 2017.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas Escolas: uma proposta educacional antirracista**. 1. ed. Contagem, MG/Brasil: Editora Escola Cidadã, 2021.

QUINTANA, Eduardo. **Èkóólé: no candomblé também se educa**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. – 2017.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos, modos e significados**. Brasília: 2015.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgó e a morte: Pàde, Àsèsè e o culto de Égun na Bahia**; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. 14. ed. - Petrópolis, Vozes, 2012.

SALES, Francisco Levi Jucá. **Memórias afro-brasileiras: monumentos, museus e educação patrimonial em Redenção - Ceará**. Monografia do Curso de Especialização em Política de Igualdade Racial da Diretoria de Educação a Distância da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB. - Redenção, 2016.

SEIXAS, Antônio. **A promoção do patrimônio cultural afro-brasileiro como instrumento de reparação da escravidão**. Revista Digital do IAB Rio de Janeiro v. 42 p. 1-18 março – junho, 2020.

SEMA - Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará. **Decreto Estadual Nº 20.956**, de 18 de setembro de 1990, Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra de Baturité. Ceará, 1990.

SEMA - Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará. **Decreto Nº 25.778**, de 15 de Fevereiro de 2000, Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Pacoti. Ceará, 2000.

SEMA - Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará. **Decreto Estadual nº 32.791**, de 17 de agosto de 2018, Dispõe sobre a criação do Refúgio de Vida Silvestre (REVIS) Periquito Cara Suja. Ceará, 2018.

SILVA, Geysa Danielle Barbosa de Moura. **Monumento da Negra Nua: símbolo de liberdade ou de aprisionamento**. ANPUH-Brasil - 30º Simpósio Nacional de História - Recife, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

SECOM UNILAB - Secretaria de Comunicação Institucional da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. **Grupos e setores da Unilab divulgam nota sobre suposta depredação do Monumento Negra Nua**. Portal da UNILAB, Redenção-CE, 31 de jul. de 2017. Disponível em: <<https://unilab.edu.br/2017/07/31/grupos-e-setores-da-unilab-divulgam-nota-sobre-suposta-depredacao-do-monumento-negra-nua/>>. Acesso em: 16 de ago. de 2021.